

O lugar do feminino na tradição oral do Congado de Pinhões/MG: o rosto de Maria nas “Marias” devotas do rosário

Sandra Helena Barroso*

RESUMO: Trata-se de uma reflexão a partir de dois conceitos em debate no campo social brasileiro: feminino e religião. Têm-se como foco de análise, as mulheres da Comunidade¹ quilombola de Pinhões, em Santa Luzia, Minas Gerais. O objetivo é verificar qual é o lugar do feminino na tradição oral do Congado de Pinhões, e se é possível falar, nesse caso, de funções diferenciadas dentro do Congado. Para isso utilizou-se a etnografia e as entrevistas como método e instrumento de análise respectivamente. Fundamentou-se o estudo em Edith Stein (1999), Afonso Murad (2012), João Libanio (2004). Verificou-se que existem funções diferenciadas na tradição do Congado de Pinhões, e que é possível falar destes elementos, como elementos diferenciados, porém eles se complementam. Concluiu-se que o Congado tradicional de Pinhões possui um caráter patriarcal, mas isso não impede que as mulheres façam a diferença, inclusive por terem criado o Congo do Divino Espírito Santo. Reconheceu-se o rosto de Maria nas “Marias” devotas do Rosário. Decorre aí repensar a importância do feminino para um novo contexto eclesial.

PALAVRAS-CHAVE: Congado. Feminino. Catolicismo. Tradição.

* Mestra em Ciências da Religião - PUC/Minas. Membro Titular da Academia de Letras de Teófilo Otoni/MG. E-mail: sandritagege@yahoo.com.br.

¹ Para estudos quilombolas ver CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva). Disponível em: <http://www.cedefes.org.br>. Acesso em 15/12/2015. Comunidade Reconhecida recentemente como remanescentes de quilombo pela Fundação Palmares. Registrada no livro de Cadastro Geral nº018, Registro nº 2.510 fl.131 – Processo nº 01420.001091/2017-79.

Introdução

A Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, composta por mulheres em sua maioria. Criada no ano de 2013 em acordo firmado com o Capitão da Guarda e as mulheres da Comunidade. Formada por crianças, adolescentes, jovens e adultos que se encontram na faixa etária de 8 a 70 anos. As crianças estudam na escola da própria comunidade ou nos arredores. As mulheres trabalham como, doceiras, manicures, cabeleireiras, donas de casa, diaristas, costureiras, cozinheiras, além de outras profissões. Usam trajes nas cores, vermelho e branco, que segundo elas, representam a cor do Divino Espírito Santo.



A foto acima retrata a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões/MG e compõe a base de dados da pesquisa realizada.

As mulheres de Pinhões sempre demonstraram o interesse em participar do Congado tradicional da Comunidade, intitulado Catopês², nas categorias de dançantes e cantantes. Quanto às categorias supracitadas, segundo o estatuto dos Catopês, elas não podiam dançar e nem cantar. Sobre a proibição das mulheres de não participarem do Congado na modalidade de cantantes, caixeiras e dançantes, afirma Soares (2009, p.25) que em Belo Horizonte existia essa proibição, e comenta,

Durante 35 anos, foi proibido às mulheres participar da Guarda masculina como dançantes ou caixeiras, mas, em 1973, as irmãs Neusa Pereira Teixeira e Zilda Pereira Lisboa, filhas de um dos capitães, juntamente com Maria do Nascimento – pertencente à outra guarda e Congado –, fundaram a Guarda Feminina. Segundo as “fundadeiras”, a

² Catopês, Catupês ou Catopés é uma dança herdada dos escravos. Denominado Congado Tradicional dos Homens, criado em 1934 na Comunidade de Pinhões. Muito presente na festa de Nossa Senhora do Rosário, festa essa inaugurada em 1909.

Guarda Feminina foi criada porque a Masculina já estava bem defasada com a morte de importantes lideranças. Com receio de que a manifestação acabasse as mulheres se uniram e decidiram dar continuidade ao ritual.

No caso das mulheres de Pinhões, elas não encontraram meios de se tornarem dançantes e cantantes na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, dos Catopês. Não obtendo espaço junto a Guarda masculina, resolveram criar uma Guarda feminina. Nesse sentido, o Congado feminino de Pinhões, foi criado em 2013 e recebeu o nome de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário, ao qual teve apoio de representantes ligados à Igreja Católica. Hoje o Congado faz seus encontros com outras Guardas em outras cidades. Participa da Festa do Divino na própria comunidade e da festa de Nossa Senhora do Rosário, porém, nesta última, não atuam no dia principal do festejo.

A Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Nossa Senhora do Rosário se apresenta por meio de uma coreografia de passos ritmados. Ao som das caixas cantam músicas que geralmente faz referência a Nossa Senhora do Rosário, ao Divino Espírito Santo e aos personagens de matriz africana. Hoje as mulheres de Pinhões não só dançam e cantam no Congado, elas festejam a vida. E festejar a vida é um direito que elas possuem no exercício de suas experiências de fé.

As devotas de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, submetidas à tradição de várias décadas dos Catopês, conseguiram conscientizar a comunidade da importância de abrir espaços para a presença feminina na instância religiosa do Congado. Daí repensar a importância do feminino na esfera eclesial. Quem sabe se as atitudes de mulheres como essas, diante de situações constrangedoras, poderão um dia contribuir para a valorização do feminino frente à realidade atual? Que lugar encontra o feminino numa tradição patriarcal herdada desde o tempo bíblico?

1. O lugar da mulher na tradição patriarcal do Congado de Pinhões

As mulheres de Pinhões vivem em uma comunidade que recebeu da sociedade todo o reflexo de uma tradição hierarquicamente patriarcal. Pela tradição do Congado dos Catopês mulheres não podem cantar e dançar, porque se assim fizerem, contradiz o costume masculino. Mas isso não impede que elas busquem outra forma de exercerem novas funções na instância do Congado. Nesse sentido, ainda que assumam papéis que outrora eram praticados pelos homens, não significa a perda de sua feminilidade, sua graça.

Stein (1999, p. 62) afirma que:

[...] mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais

especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina.

O não combinar com o modo de ser feminino também se encontra em alguns discursos na Comunidade de Pinhões, conforme esclarece a eis bandeireira e hoje rainha Conga Simone Teles: “Como meu pai...eu tenho a impressão que ele acha assim né; ah! Não é coisa prá mulher”. Se não é coisa para mulher, o que pode ser reservado à mulher então? Ser apenas companheira do esposo e a mãe dos seres humanos? Não teria outras funções além dessas?

Segundo Stein (1999, p. 57),

Desde o início do mundo a mulher é destinada a ser companheira do homem e a mãe dos seres humanos. Portanto, cuidar, proteger, velar, conservar, alimentar e sustentar é considerado vocações da mulher e que são naturalmente maternais.

Para Murad (2012, p.15),

A visão tradicional apresentava Maria como modelo de simultâneo de mãe e de mulher. Atualmente, esse aspecto é questionado, pelo fato de ter fortalecido o estereótipo de mulher dominada em relação ao homem [...] O lugar da mãe é o espaço privado da casa, cuidando dos filhos e sendo obediente ao marido.

Afirma Stein (1999, p.60),

A imagem da mãe de Deus nos revela a atitude fundamental da alma que corresponde à vocação natural da mulher: ou seja: obediência para com o marido, vigilância confiante com relação ao filho, e em relação a ambos: entrega desinteressada. [...] O remédio para todas essas fraquezas tipicamente femininas: trabalho objetivo e bem executado.

Na visão dos autores Stein (1999) e Murad (2012) pode-se dizer que foi criado um modelo de Mulher estereotipado. Permita-se dizer, uma mulher dependente, ou seja, “mulher obediente, caseira e silenciada.” Murad (2012, p.15). Curar uma doença social pode ser difícil, mas amenizar esse problema pode ser uma solução viável. Na visão da autora Edith Stein, o trabalho é um remédio, por esse viés pode-se dizer que “muitas mulheres de hoje investem em formação acadêmica, entram em competência no mundo do trabalho, ocupam funções públicas, exercem liderança em movimentos sociais e ambientais.” (Murad, 2012, p.15). Adentram no mundo do trabalho e ocupam funções que outrora eram exercidas somente por homens. Além do exercício laboral, é pertinente ouvir o que as mulheres têm a dizer sobre a situação delas diante da visão patriarcal que

a sociedade lhes impôs, sob o símbolo dos Catopês. Por esse viés passamos a escutar o que nos conta as “Marias³” de Pinhões, no quesito Ser Mulher:

Para Marilene de L. Batista: [...] “Ser mulher é fazer parte da Comunidade de Pinhões, mulheres guerreiras, batalhadoras e que não tem medo de nenhum tipo de trabalho.”

Completa Joana d’Arc da C. Barbosa: [...] “Ser mulher é lutar contra o preconceito e a desigualdade, é provar que podemos fazer tudo, ou quase tudo, é dizer não a violência física e verbal e a injustiça”. Segundo Maria de Lourdes Barbosa,

[...] Ser mulher é ser meiga, doce, mãe, professora, médica, enfermeira, etc. As vezes ouvimos dizer que somos o sexo frágil, mas só nós sabemos o quanto isto é falso pois fortaleza é o que não nos falta, para lutar neste mundo em que vivemos ajudando na criação e estudo de filhos.

Ao analisar as falas das integrantes do Congo do Divino, percebe-se que o lugar da mulher na tradição patriarcal dos Catopês, é poder dizer não a uma sociedade que molda pessoas, reproduzindo nelas uma visão hierarquicamente patriarcal. O lugar dessas mulheres era o exercício de funções e papéis diferenciados dentro da festa da própria comunidade. No que concebe a esses papéis, se encontram às cozinheiras, rainhas e princesas. Não que estas funções não sejam importantes, porque todos os papéis no Congado são relevantes. Mas, as mulheres não podiam cantar e nem dançar e nem tão pouco exercerem a capitania, ou seja, o de assumir o comando no Congado. Mas com persistência e unidas conseguiram transformar consideravelmente a realidade em que estavam inseridas. Suas ações de hoje podem ser um exemplo a ser seguido por novas gerações. Nesse sentido ao assumirem novos papéis abre um leque para se pensar quais profissões são atribuídas às mulheres e como as definem. Profissão natural? Profissão naturalmente feminina?

2. A mulher e sua profissão natural.

Edith Stein questiona se existe uma profissão natural da mulher e qual a atitude psíquica que ela exige. Comenta também que o corpo e alma da mulher já foram formados desde a escritura e que sua profissão natural seria: “ser companheira do homem e a mãe dos seres humanos” Stein (1999, p.57). A atitude psíquica da mulher seria velar, cuidar, conservar, alimentar. Ou seja: a profissão da mulher seria de ser serva e promotora do crescimento do outro e não do seu próprio crescimento. Porém quando se promove a

³ O termo “Marias” é metaforicamente utilizado para dizer que existem várias discípulas de Jesus no mundo de hoje, assim como foi à figura de Maria na Bíblia. Reconhece o rosto de Maria em muitas mulheres que vivem suas experiências de fé, assim como o foi Maria de Nazaré.

progressão do outro e vendo-o desenvolver-se também se aprende com ele. Mas isso não quer dizer que a mulher precisa emudecer-se enquanto ser humano.

Para Stein (1999, p.60),

A imagem da mãe de Deus nos revela a atitude fundamental da alma que corresponde à vocação natural da mulher: obediência para com o marido, confiança e participação da vida dele colaborando com suas tarefas objetivas e com o desenvolvimento de sua personalidade; em relação ao filho : vigilância confiante, incentivo e promoção dos dons que Deus te deu; em relação a ambos: entrega desinteressada e afastamento discreto quando sua presença é dispensável. Tudo isso fundamentado na convicção de que o casamento e a maternidade constituem uma vocação que vem de Deus e que deve ser exercida por obediência a Deus e sob a orientação divina.

A vocação natural da mulher seria de ser obediente ao seu marido e promotora do crescimento de seu companheiro. Uma mulher que dedica sua vida ao esposo e filhos o faz sem nenhum interesse. Afinal sua vocação natural de mulher é designo de Deus. Como lidar com esse ethos? Por meio do exercício laboral e envolvendo-se profissionalmente.

2.1. As profissões das Mulheres de Pinhões: profissão natural ou profissão naturalmente feminina?

Edith Stein questiona se existem outras profissões femininas além da natural e afirma que qualquer mulher normal e sadia pode exercer uma profissão. Pode-se dizer que a mulher tem a capacidade de lutar por outra profissão além daquela que lhe foi dada socialmente e culturalmente. Basta que a mulher tome uma atitude e que aspire outros sonhos além daquele patriarcalmente herdado. Como afirma Gebara (2011, p.15) “eu vivia o mal de aspirar por um mundo diferente, sonhava com minha liberdade, desejava lutar contra as injustiças sociais”. As mulheres de Pinhões também sonham pelas justiça:

Marilene, dançante e cantante do Congado comenta que;

Ser mulher é não deixar que homens nenhum nos humilhe e ache que somos incapazes. Temos que mostrar que podemos caminhar de cabeça erguida conquistando nossos próprios objetivos e nos defender de qualquer tipo de preconceitos, violência sexuais e agressões.

Segundo Marilene, caminhar de cabeça erguida e conquistar os objetivos já mostra o quanto as mulheres possui capacidade de alçar novas perspectivas. Nesse sentido buscam outras profissões que não se enquadrem em profissões naturalmente femininas. Ou seja: “aquelas que dependem de tarefas concretas de caráter feminino, isto é, aquelas ligadas a cuidados com pessoas doentes, à educação, à assistência, à compreensão empática do outro, portanto, à profissão da médica e da enfermeira, da professora e da educadora”. Stein (1999, p.62).

Maria de Lourdes, dançante e cantante do Congado afirma que,

Ser mulher é ser meiga, doce, mãe, professora, médica, enfermeira etc. As vezes ouvimos dizer que somos o sexo frágil, mas só nós sabemos o quanto isso é falso pois fortaleza é o que não nos falta, para lutar neste mundo em que vivemos ajudando na criação e estudo dos filhos trabalhando fora principalmente, para nós que moramos tão longe do trabalho saindo cedo.

Maria de Lourdes descreve os trabalhos basicamente femininos exercidos pelas mulheres que para Edith Stein “fica evidente que, no fundo, todos eles exigem a mesma atitude básica da alma que distingue a esposa e a mãe, só que agora ampliada para um círculo maior e a pessoas diversas”. Stein (1999, p.62). Por esse viés essas profissões não mais ficam ligadas ao parentesco e sim a um grupo maior, que irá requerer das mulheres atitudes espirituais. Dessa forma tornam-se profissões naturalmente femininas. Pode-se dizer que as mulheres de Pinhões exercem tanto sua profissão natural quanto profissões naturalmente femininas. Há uma tese: existe algum modelo a seguir para discernir funções e/ou profissões que devam ou não ser exercidas por mulheres?

2.2 Não há profissão que não pode ser exercida por uma mulher: a realidade em Pinhões/MG.

Segundo Stein (1999, p.62),

Pode se afirmar que mesmo profissões que segundo seus requisitos objetivos não combinam com o modo de ser feminino, devendo ser consideradas mais especificamente como masculinas, em casos concretos da existência humana, podem vir a ser exercidas de uma maneira genuinamente feminina.

Edith Stein afirma que existem profissões como o trabalho nas fábricas ou em outras repartições que podem ser exercidas por mulheres. Ao fundar a Guarda de Congo, as mulheres de Pinhões demonstraram que além de esposas e mães poderiam desempenhar outros papéis até então exercidos somente por homens. Ao participarem do Congado essas mulheres assumiram funções e responsabilidades sem perder a sua graça na arte de ser feminina. O que seria não perder a graça na arte de ser feminina? Seria não negar sua condição feminina, de um dom dado por Deus. Saber medir até onde se encontram os valores divinos e os valores humanos. E essa arte significa renascer a cada novo amanhecer.

Segundo Simone Teles, Bandeira do Congado:

Acho que nós mulheres que estamos ali desempenhamos nosso papel bem, tanto faz eu como bandeira, como as capitãs e com as outras que tão lá puxando né o nosso Congo. Então, eu acho que cada uma de nós ali temos a nossa parcela de responsabilidade.

Para Simone a mulher ao exercer qualquer função ou qualquer trabalho deve ser responsável por eles. Completa Joana (ministra da eucaristia) ao dizer que ao participar do Congado na função de cantante e dançante, “a responsabilidade aumentou, e minha vida pessoal mudou”. Pode-se dizer então que “a mulher se permanecer fiel à sua natureza, também no parlamento e no serviço público, deverá ter em mente o objetivo concreto, procurando adaptar a ele também os meios”. Stein (1999, p.63). Nesse sentido o permanecer fiel à sua natureza fez com que as mulheres de Pinhões colocassem na práxis seus objetivos que eram dançar e cantar em seu Congado.

Ao dizer mulheres de Pinhões percebe-se o quão são fiéis a Deus por meio da devoção que possuem em Nossa Senhora do Rosário. Exercem profissões basicamente femininas e construíram seu Congado onde dentro dele várias funções são exercidas. Pode-se dizer que existe uma semelhança com a figura de Maria nas bodas de Caná, afinal “Seu olhar silencioso e atento vê tudo e percebe o que falta. Antes que outros se deem conta, antes de surgir algum constrangimento, ela já resolveu o problema. É ela que encontra os meios, que dá instruções, tudo sem alarido, imperceptivelmente”. Stein (1999, p. 63).

Indo de encontro ao pensamento de Edith Stein, afirma Maria Rosalina, Capitã Regente do Congo do Divino que: “Estou sempre presente na igreja. Tudo que eles precisam de mim, que está a meu alcance que eu possa ajudar, eu tou sempre lá. Se precisa de mim pruma leitura, tou sempre pronta. Se precisa de mim prum comentário, eu tou sempre pronta”.

A presença de Maria Rosalina na comunidade é constante assim como a presença de outras mulheres que participam do Congado. Algumas são donas de casa, cuidam de seus filhos e de seus maridos, cuidam da comunidade, outras trabalham fora onde desempenham funções tanto de caráter feminino ou não. As mulheres de Pinhões tecem um rosário de experiência em Deus, assumindo o eu feminino, sem perder a sua natureza e graça, como afirma Stein (1999, p.64);

Onde quer que a coloquem, ela cumpre seu serviço em silêncio e de acordo com as exigências do momento, sem esperar reconhecimento e atenção para si mesma. Atenta às circunstâncias percebe onde existe uma falha, onde alguém precisa de ajuda, intervindo então de modo imperceptível na medida de suas possibilidades.

As devotas de Nossa Senhora do Rosário são servas e cumprem o que lhes pedem. O que parece é que essas mulheres retiraram o véu que lhes cobriam a beleza de suas perseveranças e a coragem de seus gestos. Isso fez com que mostrassem que as “Marias” de hoje são tão humanas quanto a Maria bíblica, e que sempre existiram em corpo e alma. As mulheres de Pinhões assim como fez Maria, retratam a saga de um grupo social com suas dificuldades para o estabelecimento de seus ideais. E assim a figura de Maria faz parte do imaginário das mulheres de Pinhões que a vê como um exemplo de fé. Nesse

sentido pode-se perceber o rosto de Maria, nas “Marias” de Pinhões, trazendo para o mundo de hoje o reflexo do passado que se torna presente. Perceber o rosto feminino de Deus em uma sociedade alicerçada por fatos humanos e divinos narrados sob uma percepção masculina, torna-se um exercício de sabedoria, porque um douto é aquele que olha para o outro e vê o seu reflexo.

3. O rosto de Maria nas “Marias” de Pinhões: exemplo de fé?

O que é fé? Maria, considerada serva de Deus, foi um exemplo de fé? E as “Marias” de Pinhões, nos mostram exemplos de suas experiências em Deus? No mundo banhado por incertezas e mazelas sociais, perceber a presença de Deus tão próxima de nós, já é um convite a confiar. Crer é uma condição que está intrínseca em nossa alma, basta deixá-la transparecer. Como? Fazendo para nossas irmãs e irmãos o que faríamos a nós mesmos.

Libanio (2004) apresenta-nos formulações atribuídas a seguinte palavra composta por duas letras apenas, mas que diz muito: fé. Mas o que se compreende por fé? O autor ostenta um pensamento ao qual batiza de “conceito básico de fé”.

Segundo Libanio (2004, p. 10),

Fé é um ato pelo qual nos entregamos numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém. Três elementos constituem esse ato básico. Um sujeito que se relaciona com um objeto. Um objeto (realidade ou pessoa) com que o sujeito se relaciona. E o mais importante: a relação se faz numa atitude de entrega, de confiança, de colocar, de certo modo, no outro o fundamento desse ato, sem negar a própria subjetividade.

O autor supracitado traz em sua obra intitulada fé, cinco contextos para a reflexão sobre esse pensamento. Explicita sobre a fé humana, fé religiosa, fé teologal, fé cristã e fé eclesial. Tendo em vista que a fé se encontra nesses cinco patamares, em qual contexto se enquadra a fé vivenciada pelas mulheres de Pinhões em seu Congado? Lembrando-se que a *fé humana*, antropológica para o autor é “uma experiência que se faz entre as pessoas e se prolonga para coisas, mistérios e religiões e crer é a condição de existir num convívio humano.” Libanio (2004, p.12). Nesse seguimento, como são tratadas as outras contextualizações da fé?

Libanio (2004, p. 11) assim as distingue:

O mistério, o sagrado, nos atemoriza e seduz. A ele entregamo-nos, num gesto de acolhida e de resposta. Trata-se da *fé religiosa*. E se esse mistério é Deus, que se nos revela, tocam-nos a *fé teologal* própria das religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. O cristianismo assume a fé teologal e explica-lhe o conteúdo, afirmando que o Deus único é tripessoal e que sabemos disso por causa da

revelaçãode Jesus Cristo. Acolher tal revelação de Jesus é característica da *fé cristã*. Os cristãos entendem que a fé vive em comunidade. Trata-se da *fé eclesial*.

Nessa sequência pode-se dizer que as mulheres de Pinhões permeiam pelo âmbito da fé, e no seio da Comunidade mostram-nos suas pertenças. Seguem o exemplo de Maria, intitulada mãe de Jesus e esposa de José, e, que humildemente assumiu sua condição de ser feminina. Maria nos deixou transparecer seu exercício de fé e ao se proclamar serva do Senhor, já deixou em evidência a sua vivência em Deus, segundo seu espírito. Sob o prisma de reflexão teológica, pode-se dizer que Maria exerceu a Teologia, pois colocou Deus em seus planos, quando o divino permeou em seu coração. Assim descortinaram-se as duas faces de Maria: humana e divina. Afinal, “É preciso colocar Deus em nossos discursos e olhar para o mundo em nossa volta, assim cresceremos como pessoa humana naquilo que Deus nos concedeu” Castro⁴ (2017): o dom da vida, o dever da transformação. Precisa-se aprender, assim como fez Maria, a fazer teologia, ou seja, tornar-se Deus mais próximo de nós e de nossas irmãs e irmãos, por meio da experiência de fé.

No que diz respeito à figura de Maria como serva de Deus, Murad (2012, p.55) afirma que,

Diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu “sim” ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade. Disponível a Deus, Maria une a liberdade com a vontade: “Eis aqui a servidora do Senhor. Eu quero que se faça em mim segundo a tua palavra” (cf. Lc 1,37). Essa entrega de coração a Deus tem um nome muito simples: fé. Significa arriscar-se e jogar-se nas mãos do Senhor com confiança.

Corroborando com os pensamentos dos autores Libanio (2004) e Murad (2012), direcionando o olhar para as mulheres de Pinhões, pode-se dizer que se arriscaram e jogaram-se nas mãos do Senhor com muita confiança. As devotas de Nossa Senhora do Rosário, tiveram em Maria, o exemplo de fé. Afinal, “Maria escutou a palavra, acolheu-a no coração. Abriu seu espaço interior, deixou Deus entrar. Saiu de si e investiu sua vida num grande projeto, a que se sentiu chamada.” Murad (2012, p. 55). Deste modo, pode-se dizer que percebemos o rosto de Maria nos paradigmas das “Marias” de Pinhões, que não deixa de ser exemplo de dignidade humana atrelada à presença real de espiritualidade.

Com os olhos voltados para o exemplo de Maria, personagem bíblica e, por meio de depoimentos das mulheres de Pinhões, constata a importância do feminino no mundo eclesial e o quanto hoje pode contribuir para repensar o social. Se um dia, pescadores

⁴ Frase proferida pela religiosa Irmã Ana Maria de Castro. Da Congregação das Filhas de São José, em sala de aula, em 28/03/2017 no curso de Teologia Pastoral da FAJE. [Faculdade de Teologia e Filosofia de Belo Horizonte].

localizaram uma imagem feminina no fundo das águas, foi pertinente trazê-la e fazê-la presente. Afinal ao comemorar 300 anos da aparição de Nossa Senhora Aparecida, se diz sim à pertença feminina na instância religiosa e social. Aparecida, Fátima, Lourdes, são locais em que o feminino se manifestou. Feminino e Masculino são construções pautadas em ideais humanos. Se cada ser humano mergulhar nas águas de sua fé, nascerá a dimensão de seu espírito que é voltado para o Divino. Assim perceberá que para Deus feminino ou masculino são interpretações humanas, características atribuídas às criaturas da terra.

Considerações finais

O Congado, uma das expressões religiosas de cunho africano presentes na instância de Minas Gerais, faz parte da vida carnal e espiritual das mulheres de Pinhões. Com o objetivo de querer dançar, tocar e cantar no espaço religioso do Congado criou uma Guarda de Congo. Nesse sentido faz-se dizer que as mulheres de Pinhões tecem um rosário de experiência na arte de ser feminina, pois souberam vencer obstáculos respeitando o espaço do outro. Ouvir os nossos semelhantes é oferecer oportunidades para que colham dos frutos que a vida lhes ofereceu. Isso pode ser considerado um passo para a edificação humana. Concluiu-se que o Congado tradicional de Pinhões possui um caráter patriarcal, mas isso não impediu que as mulheres fizessem a diferença. Reconheceu-se o rosto de Maria, nas “Marias” devotas do Rosário, em suas experiências de Deus. Decorre aí repensar a importância do feminino para um novo contexto eclesial. As mulheres de Pinhões que compuseram o bojo das suas histórias, aqui foram retratadas como exemplos de dignidade e cidadania assim como o fez Maria de Nazaré.

Referências

BARBOSA, Joana D’arc. *O que é ser mulher: como é a mulher que participa do congado*. Santa Luzia, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso.

BARBOSA, Maria de Lourdes. *O que é ser mulher: como é a mulher que participa do Congado*. Santa Luzia, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso.

BARROSO, Sandra Helena. *O Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões/MG: abertura de um Reinado por Mulheres*. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARROSO, Sandra Helena. *Encontro com as mulheres de Pinhões*. Santa Luzia, 08 de jul. 2015. 1 dvd (60 min.). Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso.

BARROSO, Sandra Helena. *A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões/MG*. 2009. 68f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARVALHO, Marilene de Lourdes Batista. *O que ser mulher: como é a mulher que participa do Congado*. Santa Luzia, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 261p.

LIBANIO, João. *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

PÁSCOA, Maria Rosalina da. *O Congo do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário de Pinhões*. Santa Luzia, 2015. Entrevista concedida a Sandra Helena Barroso.

SOARES, Dalva Maria. *Salve Maria(s): mulheres na tradição do Congado de Belo Horizonte*. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

TELES, Simone Maria. *O que é ser mulher: como é a mulher que participa do Congado*.